

Reflexão Estética da Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Reflexão Estética da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
R332	Reflexão estética da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-428-3 DOI 10.22533/at.ed.283192506 1. Literatura – Estética. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos literários têm sido utilizados com as mais variadas funções no processo de ensino e aprendizagem. São utilizados para trabalhar as habilidades de leitura, escrita e reflexão nas ações de alfabetização e letramento dos sujeitos.

A variedade dos textos literários no processo de formação linguística é bastante ampla. Para citar apenas alguns estilos de textos literários, temos, as poesias, os poemas, os sonetos, os romances, os contos, as crônicas entre outros.

São discutidas, neste livro, as questões literárias do ponto de vista da estética, sobretudo da análise de obras literárias no processo de formação e educação da sensibilidade dos sujeitos, tanto na escola quanto fora dela, por isso, esta obra revela doze trabalhos reflexivos aos leitores e aos interlocutores que queira se aventurar no mundo do conhecimento, conforme serão apresentadas a sínteses, a seguir.

No primeiro capítulo é oferecida uma nova possibilidade de análise do monólogo interior de Addie Bundren, personagem central de *Enquanto agonizo*, romance de William Faulkner, publicado em 1930. No segundo capítulo, a autora estabelece uma relação entre texto e imagem na obra *Simbad, o Marujo*, obra anônima e adaptada por Ana Maria Machado.

A autora do terceiro capítulo discute a resistência da poesia no meio capitalista, em que se prioriza o material em detrimento da emoção humana. No quarto capítulo, o autor analisa contos de *Primeiras histórias*, de Guimarães Rosa, obra publicada pela primeira vez em 1962.

No quinto capítulo, a autora rediscute os desafios do texto, partindo de uma temporalidade como componente essencial da narrativa. O autor do sexto capítulo traça algumas considerações sobre o espaço, visando estender o problema para as literaturas minoritárias em geral.

No sétimo capítulo, a autora investiga o contexto de elaboração escrita em *O chão dos pardais*, de Dulce Maria Cardoso, de Gonçalves Neto e Gama. A autora do oitavo capítulo demonstra como o duplo sedimenta a ocorrência do narcisismo, materializando-se no personagem Dorian Gray.

O autor do nono capítulo além de relatar tem a função de inspirar outros docentes do Ensino Fundamental II quanto à aplicação do livro-jogo em sala de aula. No décimo capítulo, o autor discorre sobre o inconsciente político de Juan Rulfo, com o objetivo de elucidar as questões do mundo rural presente em Pedro Páramo.

No décimo primeiro capítulo o autor problematiza as concepções estéticas na formação de plateia para o teatro, apresenta os elementos que compõem a cena teatral, além de fundamentar o papel importante da instituição escolar na formação de público para o teatro. E, por fim, no décimo segundo capítulo o autor investiga a formação da identidade goiana manifestada em noções de *atraso e progresso* contidas na obra *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos.

Assim, todos os trabalhos apresentam diferentes estéticas, teorias e práticas,

estabelecem a ampliação das reflexões, problematizam as investigações, além de ensinar outras poéticas literárias.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ADDIE BUNDREN NO REINO DO INDECIDÍVEL: UMA LEITURA DESCONSTRUTIVA DE WILLIAM FAULKNER	
Leila de Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.2831925061	
CAPÍTULO 2	14
SIMBAD, O MARUJO: TECENDO RELAÇÕES ENTRE TEXTO E IMAGEM	
Jaqueline de Carvalho Valverde Batista	
DOI 10.22533/at.ed.2831925062	
CAPÍTULO 3	34
RENATO RUSSO E A POESIA DE RESISTÊNCIA EM O DESCOBRIMENTO DO BRASIL E GIZ	
Elisângela Maria Ozório	
DOI 10.22533/at.ed.2831925063	
CAPÍTULO 4	46
FIGURAÇÃO DA INFÂNCIA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM PRIMEIRAS ESTÓRIAS	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2831925064	
CAPÍTULO 5	61
O ESPAÇO EM <i>A PAIXÃO SEGUNDO G.H</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Gilda Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.2831925065	
CAPÍTULO 6	70
ESPAÇO E EXIGUIDADE NA CARACTERIZAÇÃO DAS LITERATURAS MINORITÁRIAS	
Nelson Luís Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2831925066	
CAPÍTULO 7	81
A INVERSÃO DAS MÁXIMAS EM OS MEUS SENTIMENTOS, DE DULCE MARIA CARDOSO	
Gabriela Cristina Borborema Bozzo	
DOI 10.22533/at.ed.2831925067	
CAPÍTULO 8	92
O LIVRO-JOGO COMO ATRATIVO LITERÁRIO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2831925068	
CAPÍTULO 9	101
O INCONSCIENTE POLÍTICO NAS QUESTÕES SOBRE O MUNDO RURAL EM PEDRO PÁRAMO	
Renner Coelho Messias Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2831925069	

CAPÍTULO 10	113
ESTÉTICAS NA FORMAÇÃO DE PLATEIA PARA O TEATRO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.28319250610	
CAPÍTULO 11	122
IDENTIDADE GOIANA E O MITO DO ATRASO NA OBRA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS	
Thiago Sanches	
DOI 10.22533/at.ed.28319250611	
SOBRE O ORGANIZADOR	132

IDENTIDADE GOIANA E O MITO DO ATRASO NA OBRA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS

Thiago Sanches

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP - campus São José do Rio Preto com a pesquisa “Identidade goiana e o mito do atraso na obra de Hugo de Carvalho Ramos.” Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, UNESP-campus de Franca.

RESUMO: A revisão historiográfica trouxe a perspectiva de um Império Marítimo Português contendo partes autônomas e um novo significado para nossa história colonial. Com Goiás não é diferente. Assim, é necessária uma nova relação entre história, literatura do período em si e a que faz menção a ele. Partindo de uma nova historiografia sobre a região, o presente estudo tem como objetivo investigar a formação da identidade goiana manifestada em noções de atraso e progresso contidas na obra *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Identidade goiana.

ABSTRACT: The historiographical review brought the perspective of a Portuguese Maritime Empire containing autonomous parts and a new meaning for our colonial history. With Goiás is not different. Thus, a new relationship

between history, literature of the period itself and the one that mentions him. Starting from a new historiography about the region, the presente study aims investigate the formation of identity of Goiás manifested in notions of delay and progress contained in the work *Tropas e Boiadas*, by Hugo de Carvalho Ramos.

KEYWORDS: Literature. History. Goian identity.

Ah! Viagens e passeios antigos, sob a chuva ou a canícula, nos pagos da minha terra! Quão longe e distantes sois!

Tropas e Boiadas – Hugo de Carvalho Ramos

1 | INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento de minha pesquisa da dissertação de mestrado em História, investiguei o abastecimento da Capitania de Goiás partindo de Santos no período da mineração entre meados do século XVIII e início do XIX. Tradicionalmente, a historiografia interpreta este período como uma crise do antigo sistema colonial (NOVAIS, 2005). Seria, assim, somente após a vinda da Família Real, em 1808, que a administração portuguesa pensaria em projetos de revitalização econômica para a colônia.

No entanto, utilizei como perspectiva

teórica outra possibilidade, inserida, inclusive, no que podemos chamar de uma revisão historiográfica (BOXER, 2002 e RUSSEL-WOOD, 2000): a de que as tentativas de incentivar e diversificar o comércio na colônia se deram a partir de 1763, com o governo de D. Luis de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Matheus (BELLOTTO, 1979, p. 82 -90). Nele, é clara uma política de defesa da fronteira ocidental do território do Brasil contra o avanço hispânico. A atividade mercantil seria, dessa forma, uma estratégia de ocupação humana em uma região fronteiriça, adotada muito antes do contexto de 1808.

Além de rastrear o caminho e os víveres negociados, consegui traçar o perfil dos viajantes que passaram a compor a recém-criada Capitania de Goiás. Tratava-se de homens de São Paulo, ligados ao comércio e que procuravam alcançar prestígio por meio da obtenção de títulos de nobreza. As principais estratégias desses indivíduos comuns para alcançarem tal status era a realização de favores à Coroa e casamentos com famílias mais prestigiosas (BORREGO, 2006).

Ao longo da pesquisa e elaboração da dissertação do doutorado, pretendo investigar de que maneira essas pessoas, suas histórias e trajetórias foram exploradas na produção literária do século XIX e XX a ponto de contribuírem ou não para a construção de um imaginário em torno da identidade goiana. Somado a isso, mergulharei na busca por um entendimento das formas pelas quais a literatura eventualmente se estruturou e influenciou na composição de discursos decadentistas alternados a ufanistas e de progresso que alimentaram tal identidade.

Para o presente trabalho, selecionei uma obra que servirá de ponto de partida para boa parte dos questionamentos levantados. *Tropas e Boiadas*, do escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos, publicado em 1917, apresenta uma série de contos, com causos, lendas, mitos, ditados e provérbios que emanam esporadicamente as vivências, experiências, linguagens e conhecimento do autor sobre uma região afastada dos grandes centros, o sertão de Goiás.

2 | VISÕES SOBRE GOIÁS

A historiografia tradicional sobre a segunda metade do século XVIII ajudou a construir uma imagem de crise do sistema colonial reproduzida nos estudos, inclusive literários (ANJOS, 2009, p. 67-81), sobre Goiás.

Por outro lado, o historiador goiano Nasr Nagib Fayad Chaul ajudou a desconstruir as imagens sobre a decadência da região. Ele demonstra a alternância de uma visão de Goiás decadente desde suas origens e uma região que se insere no projeto político varguista ligado ao progresso e integração nacional.

O “mito da decadência” teria sido construído desde as primeiras ocupações por viajantes estrangeiros e administradores que, a despeito da descoberta das riquezas auríferas, reclamavam das dificuldades de acesso, distância e posteriormente pela diminuição das reservas minerais. Assim, a noção de atraso associado à decadência

se perpetuou pelos séculos e foi reproduzida por estudiosos.

Já a visão de progresso seria outra construção que se basearia na “superação do atraso” crônico de Goiás, alavancando o surgimento de outro mito, a construção de Goiânia e seu significado simbólico associado a um imaginário de progresso espelhado em critérios europeus.

Na área dos estudos literários sobre Goiás, infelizmente, a história se repete. Apesar de servirem como referências teóricas unânimes aos estudos sobre a literatura goiana, inclusive no presente trabalho, chamam atenção dois autores que, ao menos parcialmente, lançam mão de visões sobre a decadência da região como premissas para o surgimento moroso de uma literatura local.

Gilberto Mendonça Teles, em *A Poesia em Goiás*, de 1964, afirma que a literatura goiana partiu “das mais primárias manifestações de poesia e sem nenhuma experiência válida noutra gênero até 1917”.

Citando *A Crítica Literária no Brasil*, de Alceu Amoroso Lima, conclui que

“Segue, assim, aquela perspectiva teórica, segundo a qual o aparecimento dos gêneros literários se deve a decorrências do desenvolvimento econômico-social da comunidade e se registra, primeiramente, na poesia, evoluindo depois no sentido do teatro e da crítica, a qual, ‘se não é apenas uma função marginal em face da criação literária, não pode florescer onde esta míngua’.” (TELLES, 1964, p. 19)

Expandindo sua análise também à crítica literária em Goiás, Teles usa a mesma justificativa prévia:

“Denunciadora de uma estabilidade intelectual de um povo e valorizando-se na medida em que se valorizavam as obras produzidas, sôbre as quais exercita suas potências analíticas, a nossa crítica literária não podia mesmo ter revelado, antes de 1930, elementos conscientemente imbuídos de sua missão de análise e penetração na axiologia dos fenômenos literários.” (TELLES, 1964, p. 19)

Quatro décadas mais tarde, José Humberto Rodrigues dos Anjos adota o mesmo tom para tratar dos primórdios da literatura goiana, atribuindo ao século XX o período de fuga de uma situação de “marasmo”. O artigo, intitulado *Literatura brasileira em Goiás: uma flor que nasceu das pedras*, já carrega uma ideia pessimista sobre a gênese literária em Goiás. Além disso, embasa as justificativas históricas atreladas a produção literária tardia às mesmas concepções tradicionais da historiografia sobre a crise do sistema colonial e de decadência da região:

“Alucinada pela exacerbada quantidade de ouro das terras goianas, a massa política que administrava Goiás, não mostrava interesse algum para as necessidades culturais, intelectuais e espirituais do povo. Todo interesse era direcionado ao descobrimento das jazidas de ouro. Fato foi que somente mais tarde, por volta de 1773 com o enfraquecimento das lavras de ouro é que se começou a pensar na instrução do povo goiano.” (ANJOS, 1983, p.67-81)

Apesar de ter razão sobre os recursos auríferos terem começado a exaurir no quarto final do século XVIII, a revisão historiográfica já trouxe outras interpretações sobre o tema. Na fronteira com a América Espanhola a preocupação não era somente o ouro e os administradores possuíam outros anseios como a ocupação e busca de

prestígio.

Depois, José Humberto Rodrigues dos Anjos cita outro autor, Gastão de Deus, para embasar sua interpretação da história, reproduzindo as concepções ligadas à decadência e ao atraso. Vale destacar que o mesmo trecho já havia sido utilizado por Gilberto Mendonça Teles:

“O isolamento geográfico e espiritual do Estado e, sobretudo em suas regiões norte nordeste, a imaturidade político-administrativa e a preocupação primária de nossos antepassados constituíram as causas históricas que retardaram o aparecimento das primeiras manifestações literárias em Goiás (GASTÃO DE DEUS, Apud A Poesia em Goiás, p. 33).”

Receio que o viés adotado como ponto de partida para os estudos literários possa trazer análises viciadas. Acredito que utilizar novas perspectivas como ponto de partida permita oxigenar as investigações e, talvez, trazer novos resultados.

Todo o arcabouço teórico de minha dissertação vai ao encontro do que Chaul propõe. Sem ilusões com perspectivas de progressismos enviesadas, nem interpretações carregadas de monotonia e decadência. Assim, espero buscar em *Tropas e Boiadas* ambas as visões e entender, paralelamente ao contexto histórico e literário, as contribuições de mão dupla que a obra possa apresentar nas relações sobre a construção de uma identidade goiana, não necessariamente nacional como nos moldes da estética romântica.

3 | GUIANDO A TROPA

Antes de debruçar sobre a prática analítica da obra, faz-se necessário o respaldo de referências teórico-metodológicas. Apesar de não compartilharmos das mesmas interpretações sobre a história de Goiás, Anjos e Teles contribuem como parâmetros estruturalistas para diversos estudos e, no nosso caso, situarmos a obra ao contexto nacional.

Em sua versão de *A poesia em Goiás* de 1983, Teles faz uma divisão compartilhada por Anjos da literatura em Goiás. Dos seis períodos propostos, Hugo de Carvalho Ramos estaria circunscrito ao terceiro período (1903-1930), que seria um momento de transição do Romantismo para o Parnasianismo e Simbolismo, sendo que, segundo os autores, esses últimos já manifestariam concomitantemente e de forma bem vagarosa, alguns de seus elementos até o final do recorte temporal (ANJOS, 2009, p. 69).

Outras ferramentas teóricas necessárias para a elaboração e sustentação do presente trabalho estão nas noções de regionalismo e identidade que pretendo adotar a fim de trilhar uma vereda segura na análise literária do tema.

No primeiro caso, conto com o apoio do sociólogo argentino Ricardo Kaliman para desvincular a análise literária ao espaço territorial de Goiás e incluir a ideia de fronteira cultural (KALIMAN, 1994). Dada a diversidade observada na configuração da região, com negociantes de São Paulo, indígenas, portugueses e espanhóis

transitando em uma rede de interesses que poderiam engendrar confluências ou diferenças simultâneas, acredito que a perspectiva do autor se adequa na medida ao estudo.

Lea Masina nos brinda com a noção de *contrabando* (MASINA, 1995). O contrabando material, descrito em minha dissertação, possibilitava a circulação de produtos, pessoas e ideias em diversas fronteiras. Além disso, a autora propõe reflexões sobre produções literárias regionais que conversam com as mais diversas manifestações:

“Nesse sentido convém lembrar que a produção literária regional se produz pela fusão de elementos provenientes da tradição oral, da cultura popular ibérica, com textos absorvidos de outras literaturas. O que ocorre com o regionalismo pode ser, nesse sentido, considerado uma mudança de clave, resguardadas as ressonâncias dessas passagens.” (MASINA, 2002)

Outro estudioso que servirá de alicerce para a iniciativa é Paulo Sérgio Nolasco dos Santos. Isso porque, além de compartilhar de nossas noções sobre o regionalismo (SANTOS, 2008), é especialista nos estudos da literatura na região do Mato Grosso do Sul (SANTOS, 2009) com um olhar fronteiriço. Conforme concluí na pesquisa histórica no mestrado, Goiás, ao longo de sua formação, servia como ponto de contato com Mato Grosso, o que também designava uma dinâmica fronteiriça. Assim, a bagagem que o autor possui sobre o tema também pode servir de norte para o desenvolvimento desse trabalho.

Já com relação às problematizações que tangem a sustentação de minha investigação sobre a identidade, optei por trilhar os direcionamentos de Stuart Hall e Paul Ricoeur.

O primeiro possui uma concepção de identidade que creio combinar com nosso objeto de estudo. Para ele, ao contrário do que o senso comum acredita, a identificação não se dá somente no reconhecimento entre iguais, ela

“[...] opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteira’. Para consolidar o processo ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior a constitui.” (HALL, 200, p. 109)

Tais fronteiras simbólicas permeáveis e constituidoras das identidades podem funcionar muito bem na análise de uma obra composta por narrativas que contenham diferenças entre etnias, territórios e tradições, como o caso da obra de um escritor goiano em sua própria terra natal.

O segundo, por sua vez, ajuda-nos na complicada tarefa de compreensão da identidade goiana manifestada no autor e, ao mesmo tempo, a maneira que a obra irradia elementos que, por vezes, passaram a compor a tal identificação. Assim, Paul Ricoeur, ao explicar “a própria noção de aplicação da ficção na vida”, conclui que

“resulta dessa discussão que narrativas literárias e histórias de vida, longe de se excluírem, completam-se, a despeito ou por causa de seu contraste. Essa dialética nos lembra que a narrativa faz parte da vida antes mesmo de se exilar da vida na

Ressalvo que os elementos que buscamos são aqueles encontrados nos grupos e indivíduos estudados no mestrado; os negociantes em busca de prestígio, caixeiros, comboieiros, os tradicionais tropeiros, os escravos e o contato com os nativos.

4 | CONTOS E CAUSOS

Para o presente trabalho, escolhi realizar um apanhado geral de alguns contos da obra que contemplassem uma análise literária embrionária junto às continuidades históricas notáveis daquela vida de comerciantes de gado ao longo do Caminho do Anhanguera.

Os víveres que rastreei em minha dissertação estão espalhados pelo cenário dos contos, invocando imagens do cotidiano no sertão de Goiás que suportam e transportam o interlocutor diante dos tradicionais causos recheados de superstição e, em certa medida, mistério. Sim, o sobrenatural flerta ao mesmo tempo em que contrasta com o suor dos homens e animais fatigados de viagens desgastantes, serviços pesados e almas repletas de pragmatismo. Impossível não se perguntar como homens tão objetivos na execução de tarefas das mais árduas se mostram tão sensíveis em situações como a da assombração em *Caminho das Tropas*.

Da bravura e do medo, sentimentos simultâneos oriundos do âmago de Manoel, protagonista e contador da passagem em questão, brota a razão em um anticlímax tão cômico quanto surpreendente: a suposta assombração que havia cruzado e proporcionado um martírio de emoções conflitantes não passava de um tatupeba envolto acidentalmente na mortalha branca de um defunto enterrado superficialmente e farejado pelo animal que se fartara de seus restos mortais.

Seria um sacrilégio chamar de mera descrição geográfica a composição da paisagem proposta por Hugo de Carvalho Ramos. Os finais de tarde trazem alívio e o sol, refletido na serra, rios e margens deixa tudo dourado, ofuscando a visão. Somente o escuro semblante das tropas, animais e carroças são percebidos indo em direção aos ranchos, pousos e estalagens.

A ambientação e imersão aumentam na percepção de um vocabulário bucólico, diverso e específico. A despeito das constantes recorrências ao dicionário, confesso que cada descoberta possibilitava a compreensão de um novo mundo, como faziam os antigos viajantes adentrando o mato para abrir picada e estabelecer vereda. Em um primeiro momento, os vocábulos parecem dispostos fortuitamente para saciar os desejos do autor de pertencimento ao universo regionalista do romantismo. Mas Hugo de Carvalho Ramos é mais profundo. Trata-se de conhecimento de causa, artifício introdutório necessário para o sucessivo desenrolar da estória. Em algum momento, quase inesperadamente, ela fisga e traz desfechos surpreendentes.

Ainda quanto ao vocabulário utilizado pelo autor, a riqueza na descrição dos

objetos e acessórios que compõem a indumentária dos sertanejos consegue transpor a barreira da arte escrita e sonorizar o atrito do couro e os estalos metálicos da tropa se despindo das tralhas durante a chegada ao pouso após um dia cansativo. Mais que isso, serve de transição para as cenas do mundo físico dos viajantes para suas intimidades compartilhadas, cheias de estórias, causos e saudosas rodas de violas.

O termo “franqueira”, presente na chegada e ao longo do caso contado por Manoel em *Caminho das Tropas*, possui indício de um de nossos objetivos na presente pesquisa. De acordo com o dicionário Michaelis, significa “antiga faca de ponta fabricada na cidade de Franca (SP)”¹ (MICHAELIS, 20017). Tal localidade, então na condição de vila, era um dos pontos de partida e parada para os negociantes de São Paulo que abasteciam a Vila Boa de Goiás e outras localidades daquela Capitania. Assim, a obra de Hugo de Carvalho Ramos apresenta um traço, ainda que pequeno, de uma herança desse contato entre as duas regiões. De alguma forma, o uso do objeto pelo tropeiro é um aspecto da identidade do homem sertanejo que em suas andanças pelas regiões do interior oeste faz uso de uma ferramenta que por séculos foi comercializada ao longo do Caminho do Anhanguera.

Com relação às visões oscilantes sobre Goiás e a maneira que tais noções influenciam na estruturação da identidade, a obra manifesta tais ânimos de diversas maneiras, contudo destacamos o conto *Madre de Ouro* como norte dos primeiros resultados obtidos a partir de nossa premissas.

No conto, ao apresentar a cidade de Bonfim antes de descrever uma famosa lenda local, Hugo de Carvalho Ramos deixa aflorar certo saudosismo pela conservação do antigo modo de vida:

“Ficou-lhe, pois, ainda intacto, o antiquado perfume de antanho, cousas mortas que a mente aviva e a tradição redoura, vago encanto do passado, sabor que não tem ou já perderam os centros mercantilistas, tomados de febre de riqueza e inovações, do litoral.” (RAMOS, 1998)

Ao mesmo tempo, o olhar que valoriza o passado reconhece que é integrante de uma percepção de exceção quase romântica, na medida em que contrapõe a tona dos lugares mais modernos regados pelo desejo de enriquecimento e pelo novo. O discurso de decadência se prolonga, tendo como combustível sentimentos ligados à tristeza e melancolia. Nesse caso vale, antes de concluirmos, a transcrição na íntegra do trecho seguinte, a título de ilustrarmos com mais exatidão a maneira que a paisagem contemplada reflete o desencantamento:

“Como Goiás, a Triste, embala-a o mesmo sono de duzentos anos de Bela Adormecida, com as reminiscências da época da descoberta, as aluviões de aventureiros e desbravadores à cata do rico filão, página heróica do esforço extinto da raça, que à memória apraz reviver.

1 Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=franqueira>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

Escavações profundas, minas ao desamparo, veeiros revolvidos, barrocas solapadas, esboroando-se nas chuvas, velam de melancolia o olhar do viandante que demanda àquele recanto do Planalto. E à medida que se aproxima de seus arredores, mais vivos e constantes são os atestados do delírio avoengo em esmiuçar, estripando-as, as entranhas da terra, para delas dar cibo e páscigo à sede do luxo, ao esplendor bizantino da velha metrópole, já então em via franca de decadência.

Hoje, minas, lavras, catas, tudo jaz ao abandono. Alveja em montes o pedrouço das formações à beira das estradas; uma coma verde de gordura corre a crista dos valos e carreiros, argilosos e tristes, outrora sacudidos pelo estalo do relho dos feitores e o grito angustiado da escravatura, na lavagem do cascalho. Foram-se os antigos bateiros da descoberta, extinguiu-se a febre da mineração; ficou, enraizada, uma população pacífica e laboriosa, que faz a prosperidade do município na lavoura, na criação do gado, no comércio das letras, em outras profissões liberais.” (RAMOS, 1998)

Por outro lado, é impossível ignorar o paralelo final, quase imperceptível diante de tanto desencantamento, que afirma um presente de prosperidade na cidade de Bonfim. É posterior ao período da mineração, mas indica nas outras atividades econômicas uma suposta estabilidade do progresso.

Minha premissa de análise se sustenta no entendimento da variação dúbia de discursos que alternam entre decadência e prosperidade ao longo da história de Goiás. Estes exatos dois termos estão simultaneamente presentes na mesma descrição. Talvez, tal oposição não se trate somente de mero dualismo contraditório, mas, sim, da composição dialógica de ambos na identidade goiana. Aceitando mais essa possibilidade, entendo ter encontrado mais um excelente indicativo de abordagem e análise para as futuras realizações de trabalho ao longo das pesquisas de obtenção do título de doutorado.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese de oscilação de visões de Goiás na obra *Tropas e Boiadas* de Hugo de Carvalho Ramos foi confirmada. Além disso, o objetivo de encontrar alguns dos elementos pesquisados ao longo da dissertação de mestrado como integrantes de uma identidade goiana foram parcialmente contemplados, como se observa no item 3.

Para a continuidade do trabalho, buscarei aprofundar as análises em outros contos da obra a fim de atestar nossos objetivos. Incluir biografias do autor também enriquecerá a pesquisa, especialmente no entendimento da identidade goiana influenciando Hugo de Carvalho Ramos e vice-versa. Recentemente, o cineasta goiano Lázaro Ribeiro produziu um curta-metragem biográfico sobre a vida de Hugo. O contato com o roteiro estruturado, bem como as fontes utilizadas para a produção pode nos ampliar o leque de entendimento da vida do escritor e sua relação como o sertão, as tropas e as boiadas. Depois, o principal desafio será a conexão da identidade do autor com o que podemos chamar de identidade goiana e de que maneira a produção da obra se torna reflexo e imagem cultural da região de Goiás.

Por fim, buscarei obras literárias produzidas antes de 1917 que contenham visões de pessimismo e atraso para fazer coro aos presentes resultados. Simultaneamente, debruçarei esforços no estudo de produções pós 1930, na ânsia de encontrar olhares de modernidade e progresso. Talvez esse seja um primeiro passo na direção de tentar desmitificar extremismos enraizados sobre a “goianidade”.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de, 1996 – **O trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. SP, Companhia das Letras: 2000.

ANJOS, J. H. R.. **Literatura brasileira em Goiás: uma flor que nasceu entre pedras**. Ícone: Revista de Letras (UEG. São Luís de Montes Belos), v. 04, p. 67-81, n. 2009.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Autoridade e conflito no Brasil colonial: o governo do Morgado de Mateus em São Paulo**. SP, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. **A teia mercantil: negócios e poderes em São Paulo**. SP, Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 2006.

BOXER, Charles. **O Império Marítimo Português: 1415-1825**. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. SP, Comp. das Letras, 2002.

COELHO GOMES, Luciana. **Memória e Criação em Hugo de Carvalho Ramos: O encantamento da narrativa oral**. Trabalho apresentado no XI Congresso Internacional da ABRALIC, USP, 2008.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Editora da UFG: Ed. UCG, 1997.

GONÇALVES, David. **Atualização das formas simples em Tropas e Boiadas**. Dissertação apresentada para obtenção de título de mestre no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.

KALIMAN, Ricardo. **La palabra que produce regiones. El concepto de region desde la teoria literaria**. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, Facultad de Filosofia y Letras, Instituto de Historia y Pensamiento Argentinos, Julio 1994.

MASINA, Léa. **A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo**. In: MARTINS, M.H. (Org.). **Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MASINA, Léa. **Fronteiras do Cone Sul: Limites transcontextuais**. In: Congresso Brasileiro de Literatura Comparada, 3., Niterói, *Anais...* Niterói: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1995, p. 839-846.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=franqueira>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

NOVAIS, Fernando A. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

RAMOS, H de C. **Tropas e Boiadas**. Goiânia: Ed. UFG: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

RUSSELL-WOOD A. J. R. **The Portuguese empire: 1415-1808. A world on the move**. Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1992.

SANTOS, P. S. N. , BARBOSA, Ana Maria dos Anjos Martins . **Manoel de Barros: Ethos e oralidade no chão do Pantanal**. Papéis (UFMS), v. 13, p. 15-34, n. 2009.

SANTOS, P. S. N.. **Fronteiras do local: reavaliação do conceito de regionalismo**. In: 11º Congresso Internacional ABRALIC, 2008, São Paulo. Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: 2008.

TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás**. Goiás: UFG, 1983.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-428-3



9 788572 474283